

## **Mulheres Benzedeadas em Belém (PA): relações de gênero e trajetória religiosa**

*Mujeres Curanderas en Belém (PA): relaciones de género y trayectoria religiosa*

*Female Faith Healers in Belém (PA): gender relations and religious history*

**Iracema Silva Costa**

**Resumo:** a comunicação focaliza a prática da **benzeção** na cidade de Belém (Pa), exercida por mulheres identificadas por seus clientes como “**benzedeadas**”. Nesta, a abordagem do tema consiste em um estudo etnográfico sobre três mulheres benzedeadas que atuam na cidade de Belém. Nesse contexto, apresento dados acerca dessas agentes de cura, articulando variáveis como gênero, religião e cultura ao campo religioso atual da metrópole paraense. Os resultados apontam que as benzedeadas, além de desenvolverem sua prática desligadas de instituições religiosas, trazem em sua trajetória de vida questões que dizem respeito às concepções sobre os espaços sociais que ocupam e também representações e percepções em relação ao seu ofício e sobre si mesmas.

**Palavras-chave:** Benzeção. Benzedeadas. Gênero. Trajetória. Religiosidade.

**Resumen:** la comunicación enfoca la práctica de la **curandería** en la ciudad de Belém (Pa), ejercida por mujeres identificadas por sus clientes como “**curanderas**”. En ésta, el abordaje del tema consiste en un estudio etnográfico sobre tres mujeres curanderas que actúan en la ciudad de Belém. En ese contexto, presento datos acerca de esas agentes de la cura, articulando variables como género, religión y cultura al campo religioso actual de la metrópoli del estado de Pará. Los resultados apuntan que las curanderas, además de desarrollar su práctica desligadas de instituciones religiosas, traen en su trayectoria de vida cuestiones que tratan a respecto de las concepciones sobre los espacios sociales que ocupan y también representaciones y percepciones en relación a su oficio y sobre sí mismas.

**Palabras-clave:** Curandería. Curanderas. Género. Trayectoria. Religiosidad.

**Abstract:** this academic work focuses on the practice of “benzeção” (faith healing) in Belém (Pa) made by women called “benzedeadas” (healers). It is an ethnographic study of three female faith healers who work in this city. In this context, I present data about these curing agents, articulating variables such as gender, religion and culture to the present religious scenery in the metropolis of Pará. The results show that the healers, as well as developing their practice disconnected from religious institutions, carry in their life path issues that relate to conceptions of the social space they occupy and also representations and perceptions of their practice and themselves.

**Keywords:** Faith healing. Faith healers. Gender. History. Religiosity.

## INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a trazer alguns dados sobre mulheres especialistas, reconhecidas como benzedoras, que praticam o seu ofício da cura denominado como benzeção na região metropolitana da cidade de Belém (PA). Este trabalho é fruto da continuidade da pesquisa realizada na graduação (SILVA, 2001) e da dissertação de mestrado (COSTA, 2014) em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará.

A primeira delas foi reconhecer a prática da benzeção como uma prática de cura, o que realmente o é. Porém, o que me chamou a atenção naquele momento foi a discussão sobre a classificação desta prática dentro de categorias e modelos analíticos que a definiam como uma representação, uma expressão *folk* popular. Outra discussão era sobre as práticas populares de cura, dentre elas a benzeção, que faz parte da medicina popular, que, por sua vez, traduz a cultura de um determinado tempo e lugar – o mundo rural – sendo analisada como “sobrevivência” ou “resquício” de uma mentalidade de natureza mágica, uma expressão do campo – visto que a existência dessa prática vinha de uma origem rural, e quando encontrada na cidade estava fadada a desaparecer.

Desde então, concluí que estava diante de conceitos que, longe de serem definidos sem ambiguidade, compreendiam que essas classificações mais encapsulavam o objeto de estudo do que explicavam os significados dessa prática, tanto para aqueles que a executavam quanto para aqueles que a utilizavam. Contudo, mas do que distinguir e/ou classificar ou categorizar a prática da benzeção, deveria compreendê-la por ela mesma, nos dias de hoje. Pois, enquanto resquício de sobrevivência fadada a desaparecer, entretanto, observava que a mesma contradizia esta suposta realidade, pois permanecia entre nós, viva como antes, disponível e ao alcance de muitos.

Trabalhos desenvolvidos sobre a religiosidade popular citam a existência dessa prática de cura desde os tempos imemoriais. Diante de uma realidade tão expressiva que identifiquei em Belém, e no caminho dessa pesquisa, revisitando a obra clássica de Laura de Mello e Souza, “*O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*”, percebi que muitas concepções, ideias, versões em forma de narrativas que registravam essa prática em Belém me levavam a uma época tão distante quanto a origem do Brasil, ainda colônia de Portugal, quanto já se relatava, como versa Souza, ao analisar as manifestações de religiosidade popular e curas mágicas espelhadas e catalogadas em documentos inquisitoriais sobre o Santo Ofício.

Tratava-se de universo imaginário que cercava essas práticas de cura e cuidado na vida cotidiana das populações desde então, as quais serviram e servem como elementos estruturais de uma mentalidade que engendra as muitas práticas mágicas religiosas, que fazem parte de uma cultura popular, por vezes associadas às práticas de feitiçaria, conforme a pesquisa de Souza, revelando com a “arqueologia” dessas práticas que não eram resquícios de um tempo morto na história, mas que a mesma imagem encontrada pela autora se fazia presente ao me deparar com essa prática sendo executada vivamente na cidade. Assim, esse universo cultural se apresentava a mim tão vivo quanto nos textos descritivos da Inquisição. Ou seja, aquela realidade que era contada há cinco séculos, era por mim vivenciada na atualidade, no tempo da memória e na história de vida das mulheres benzedoras pesquisadas.

Não obstante, já tendo como referência os estudos voltados para a presença dessas práticas de cura no Pará, bem como os trabalhos de antropólogos que se preocuparam em registrar essa prática de cura, entre outras tantas, como no caso da pajelança, por exemplo: Eduardo Galvão (1976), Arthur Napoleão Figueiredo (1979) e Raimundo Heraldo Maués (1990) com pesquisas relevantes

na Amazônia, e que viram em algumas práticas da medicina popular um rico filão para compreender a relação entre o homem amazônico e a natureza; a construção do seu pensamento acerca da realidade que vivencia; o conjunto (sistema) de representações simbólicas que constrói e se utiliza para sanar suas aflições de ordem física e espiritual. Esses estudiosos registraram a *benzeção* realizada por benzedores e benzedoras como uma prática que tinha como principal experimento religioso a realização de rezas, orações e jaculatórias executadas como práticas de cura. Nessa perspectiva, esses trabalhos buscavam discutir o universo simbólico da prática em si, ora dialogando com a lógica do pensamento que vai da magia à religião, ora dialogando com as descrições que tentam repreender um olhar que encara a prática, a sobrevivência ou resquício de um mundo “atrasado”.

Contudo, apresentam uma definição comum sobre essa prática. Assim, a *benzeção* era definida como uma ação exercida por homens ou mulheres, denominados como *benzedoras* ou *benzedores e/ou curandeiros(as)*, que são aquelas pessoas que se utilizam de ervas, banhos e chás para curar doenças, além de utilizarem também as rezas e benzeções de caráter cristão e suas especificidades. E evidenciavam que, em geral, esses especialistas não entravam em transe e também não recorriam aos encantados, entidades ou guias com características da pajelança ou da religião afro.

Basicamente, estes pesquisadores classificam a prática da benzeção como parte dos experimentos de cura exercidos por muitos profissionais que eram identificados não apenas por esse experimento especificamente, mas por uma religião, ou seja, um sistema religioso de crenças e valores (religiões afro-brasileiras e pajelança). Dessa forma, esses enfoques consideram a prática de cura dentro de um campo religioso, sem problematizar os seus agentes.

Houve dificuldade em classificar os agentes que executavam a prática da benzeção, pois tanto mães e pais de santo, assim como os padres e pajés faziam uso do mesmo experimento, contudo, não eram identificados por praticá-los. Dessa forma, problematizava o meu objeto de pesquisa, pois o que me interessava era fazer um estudo com os agentes da benzeção, que fizessem desse experimento a sua única prática de cura de forma autônoma.

Sendo assim, em contato com as referências temáticas desde a pesquisa inicial (SILVA, 2001) me dei conta de um elemento antes percebido, mas não problematizado, que era a presença feminina na prática da benzeção – um dado sempre evidenciado nas pesquisas<sup>1</sup>. Contudo, também percebi que ao abordar este tema, remetia a uma conotação feminina, o que me levou a identificar as suas agentes: as benzedoras. Assim, o meu “olhar” sobre a prática da benzeção em si indicava que era um espaço eminentemente exercido por mulheres.

Nessa perspectiva, utilizei como referencial teórico duas dimensões conceituais: o conceito de gênero, entendido como uma categoria analítica que abrange uma dimensão social e histórica e diz respeito às imagens socialmente construídas acerca do universo feminino, mas também sobre a relação do feminino com o masculino, que compõe as relações sociais existentes na sociedade; e o conceito de patriarcado, também uma categoria histórica e social que reflete uma relação de dominação dos homens sobre as mulheres, configurando uma relação hierárquica e de poder.

Heleith Saffioti (2004) visando compreender a violência contra as mulheres enquanto um problema social analisa esse fenômeno à luz dos conceitos de patriarcado, de gênero, de relações de poder. A autora faz uma compilação de autores que são referências nos estudos de gênero, em particular, a historiadora norte americana Joan Scott (1986), responsável, em grande parte, pela difusão dos estudos sobre gênero no Brasil. Esta autora deu um passo importante nas reflexões sobre

<sup>1</sup> Oliveira (1985), Borges (2006), Vaz (2006), Quintanna (1999), Alexandre (2006),<sup>1</sup> Moura (2009) e Nobre (2009).

gênero, pois chamava a atenção para as relações homens-mulheres, baseada na percepção das diferenças sexuais, hierarquizando essas diferenças dentro de uma concepção engessada e dual. Saffioti (2004) comunga as ideias de Scott (1986) ao pensar gênero não apenas como categoria analítica, mas como uma categoria histórica, em que a relação de poder está na organização social de gênero.

Sucintamente, para Scott (1996, apud SAFFIOTI, 2004, p. 111) o que interessa são as formas como se constroem os significados culturais para essas diferenças, dando sentido e posicionando-as dentro de relações hierárquicas, sem deixar de considerar, contudo, as ambiguidades que geram os seus conceitos. A autora entende que a categoria gênero “é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Nessa perspectiva, ao utilizar essa categoria significa preterir as justificativas biológicas para as desigualdades sociais nas relações entre os sexos, ou seja, esta noção de gênero move a análise para compreender todo o sistema de relações de poder que inclui o sexo, mas que não é pelo sexo e nem pela sexualidade (SCOTT, 1996).

Desta forma, entendo o gênero como uma categoria analítica e uma maneira de indicar como as ideias sobre o homem e a mulher, no sentido das construções sociais que interagem sobre as atribuições, que além de alimentarem ideias, mentalidades e representações dos papéis sociais relativos aos homens e às mulheres, definem uma relação de poder entre os gêneros. Assim, para Scott (1996), uma pesquisa analítica, ao problematizar a relação de gênero, não deve levar em conta ou procurar o lugar de origem dos processos, mas considerar como os subsídios estão ligados entre si, para entender como esses processos ocorrem.

Outra autora em referência é Mary Del Priore (2009), que ao analisar a história da mulher no período colonial no Brasil, evidenciou que a prática de cura, assim como a benzeção, eram funções exercidas por mulheres que tratavam o corpo feminino antes mesmo dos médicos e cirurgiões. Consideradas como práticas baseadas no curandeirismo e na magia, estas sofriam perseguição tanto da igreja quanto das autoridades. Contudo, no período em questão, os médicos e os recursos da medicina eram escassos para combater as doenças mais frequentes, ficando a cargo dessas mulheres a sua cura. É importante perceber, a partir dos relatos contidos na obra da autora, que o papel que as benzedeadas, curadoras ou parteiras exerciam estava associado aos cuidados da saúde no universo feminino, no cultivo e manipulação de ervas e plantas, entre outros elementos relacionados às práticas das benzedeadas.

Conhecedoras dos segredos da cura e detentoras de um poder espiritual, essas mulheres e suas práticas eram associadas à comunicação com o sobrenatural e com demônios. Na Idade Média, eram vistas como feiticeiras e passavam a ser perseguidas pelos inquisidores do Santo Ofício, controlado pela Igreja católica. Devido aos seus poderes, despertavam medo, mas também confiança nas suas práticas, o que lhes garantiam prestígio (DEL PRIORE, 2011, p. 123.).

No imaginário social, as mulheres que tratam as doenças e os doentes através dos seus conhecimentos espirituais, para além da prática de cura, sofreram perseguições e foram estigmatizadas sob várias designações ao longo do tempo, colocando-as em posições ambíguas: curadoras, benzedeadas e feiticeiras, dentre outras. Isso apenas demonstra o universo dual que as qualifica tanto para o bem, quanto para o mal.

Nessa pesquisa optei por denominá-las como mulheres benzedeadas, que fazem da benzeção a sua prática de cura, exercida dentro do seu ambiente doméstico e fora do controle de qualquer instituição religiosa e/ou ordem eclesiástica.

## 1. No rastro das benzedeadas

Ao pensar a benzedead como uma manifestação de cunho doméstico e privado, executada por essas especialistas de cura – as benzedeadas – em suas residências, que ora revelavam a autonomia de sua prática diante de outras práticas mágicas, religiosas e de cura na cidade de Belém executadas por outras (os) especialistas, como é o caso dos representantes das religiões afro-brasileiras, como pais e mães de santo, por exemplo; que ora falavam em nome de uma religião ou por uma instituição religiosa, exigiu de minha parte, um ordenamento do olhar e uma metodologia sobre esse campo tão literalmente particular.

Realizei um *survey* ou pesquisa exploratória nas feiras de Belém, entre os vendedores de ervas e estabelecimentos de produtos religiosos, com objetivo de encontrar *os rastros* das benzedeadas na cidade, partindo da premissa que estas usam produtos encontrados nesses estabelecimentos nos seus experimentos de cura. Assim, considerando o ambiente das feiras como locais de sociabilidades e propícios às interações, encontros e contatos entre os seus usuários, registrei novamente um universo bastante expressivo de mulheres praticantes da benzedead em Belém.

Nesse trabalho, apresento dados e reflexões acerca de algumas variáveis consideradas na pesquisa sobre as práticas de cura exercidas por três mulheres benzedeadas que atuam em Belém, a partir das observações realizadas em feiras da cidade para identificação das informantes e da análise pautada no método etnográfico, além das considerações sobre a trajetória e as práticas exercidas por essas mulheres na atualidade.

A opção por identificar as mulheres benzedeadas a partir das feiras em Belém impõe-se pela delimitação espacial para o trabalho empírico constatado no *survey*. Ao problematizar esse tema no espaço urbano, adoto como base teórica a literatura antropológica urbana para pensar a cidade<sup>2</sup> como um espaço de pesquisa. Dentre os teóricos da antropologia urbana, Magnani (2002) nos leva a refletir sobre a peculiaridade do contexto que é urbano e contemporâneo, “em que se precisa levar em consideração a malha de relações que mantém com a sociedade envolvente” e com o seu objeto de pesquisa. Nesse aspecto, a questão central era – como elaborar um caminho metodológico de pesquisa que me levasse ao encontro de novas *profissionais da benzedead na cidade?*<sup>3</sup>.

Ao problematizar o universo das feiras, o meu objetivo era buscar pistas que permitissem localizar e demarcar os espaços onde se encontram essas mulheres benzedeadas nos bairros da cidade de Belém, partindo do princípio de que as benzedeadas fazem uso de produtos como ervas e plantas medicinais em seus procedimentos terapêuticos, associados a rituais religiosos, fazendo uso de outros artigos ali comercializados, como velas, banhos, incensos etc., conforme identificado em pesquisa anterior (SILVA, 2001).

Ao escolher as feiras, defini a estratégia a ser trilhada para conseguir demarcar os locais onde se encontram as mulheres benzedeadas nos bairros<sup>4</sup> de Belém. Além das feiras, visitei dois portos<sup>5</sup> em dois bairros, respectivamente. Neste estudo consegui a referência de 32 benzedeadas e

<sup>2</sup> Ver Magnani (1996).

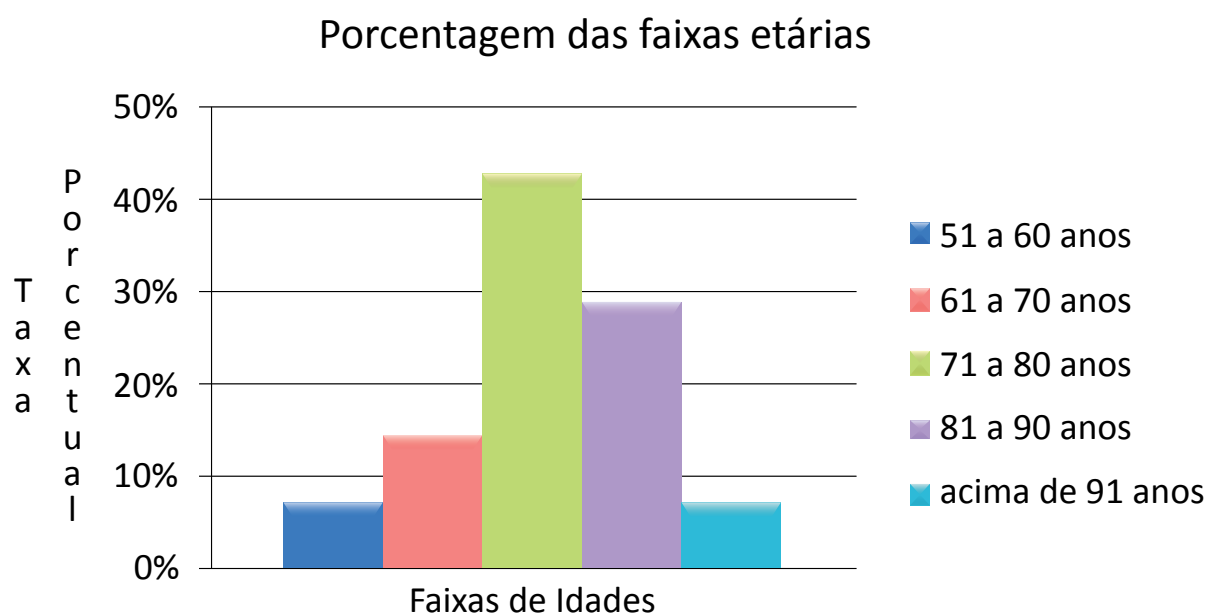
<sup>3</sup> Nessa questão, o autor alertava sobre o ordenamento do olhar antropológico como método etnográfico para se pensar os espaços urbanos (MAGNANI, 1999; 2002; 2003; 2006).

<sup>4</sup> Nesse sentido, elegi as feiras como o núcleo do bairro, por estarem localizados nas principais ruas do bairro, que são as vias de acesso da malha urbana que compõem o próprio bairro, e interligam tanto o próprio bairro como outros bairros da cidade. Os bairros pesquisados foram: Complexo do Ver-o-Peso, Guamá, Jurunas, Marco, Pedreira, São Braz e Telégrafo.

<sup>5</sup> Os portos que visitamos foram dois – um localizado no bairro da Condor e um no bairro do Jurunas.

três benzedores. E, desse universo feminino identificou-se que oito eram mães de santo e possuíam terreiros; duas eram católicas, as outras não sabiam a sua filiação religiosa e duas haviam falecido. Como o objeto de pesquisa era trabalhar com a categoria de benzedoras que não fossem ligadas a nenhuma instituição religiosa, foram excluídas deste universo as que tinham referência como mães de santo. Nessa nova amostragem constavam 22 (vinte e duas) benzedoras, mas sem confirmação da filiação religiosa. Após a checagem *in loco*, alcancei um total de 14 mulheres benzedoras que concordaram em participar da pesquisa. A primeira constatação sobre elas foi que quase todas são bastante idosas, conforme o Gráfico 1.

**Gráfico 1** - Faixa etária das mulheres benzedoras.

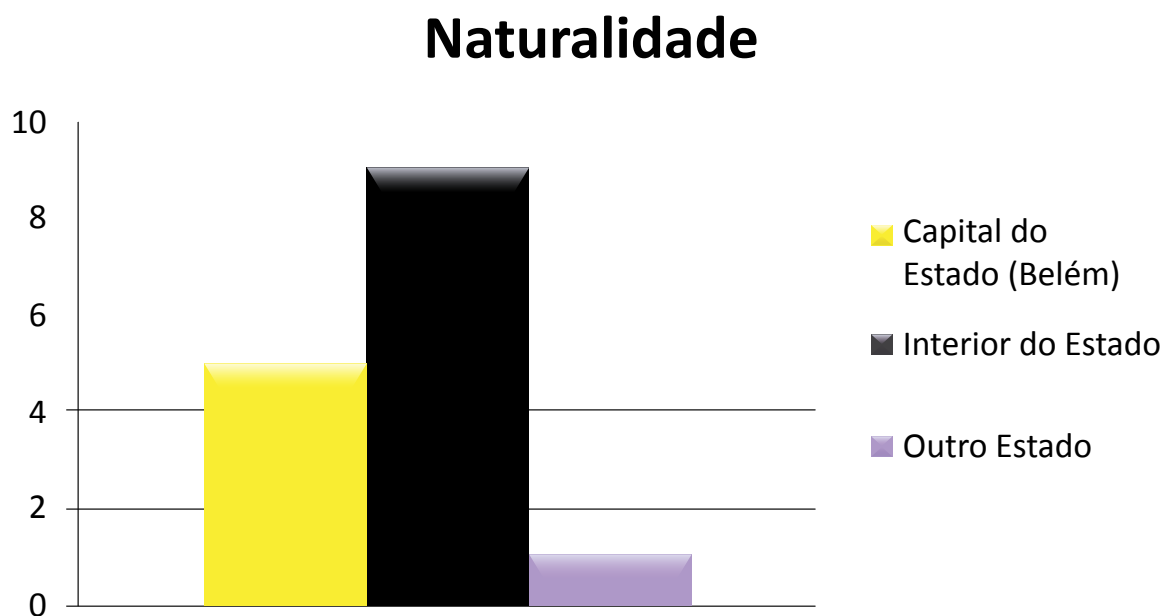


Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Durante as visitas foi possível identificar que a maioria são matriarcas de suas famílias – são senhoras, mães, avós e algumas já bisavós e todas têm um poder agregador. Registrei, nas observações e conversas, que muitas têm filhos adultos que ainda moram com elas, tendo famílias e casas construídas no mesmo local de suas residências. Quanto a classe social, identifiquei que são de classes populares e de médio a baixo poder aquisitivo, visto que a maioria recebe pensão ou aposentadoria, mas acredito que a renda não ultrapassa dois salários mínimos. Em muitos casos este benefício é a única renda fixa do grupo familiar. Na variável correspondente à naturalidade dessas benzedoras (Gráfico 2), 64% são originárias do interior do estado do Pará. Dentre os municípios citados, encontram-se: Abaetetuba, Igarapé-Miri, Bragança e Colares.

No geral, todas as benzedoras afirmaram que vieram muito jovens para Belém, seja quando ainda crianças ou na fase de adolescência. Identifiquei algumas mulheres vindas para a capital para ser “cria de família” na casa de parentes ou conhecidos dos parentes.

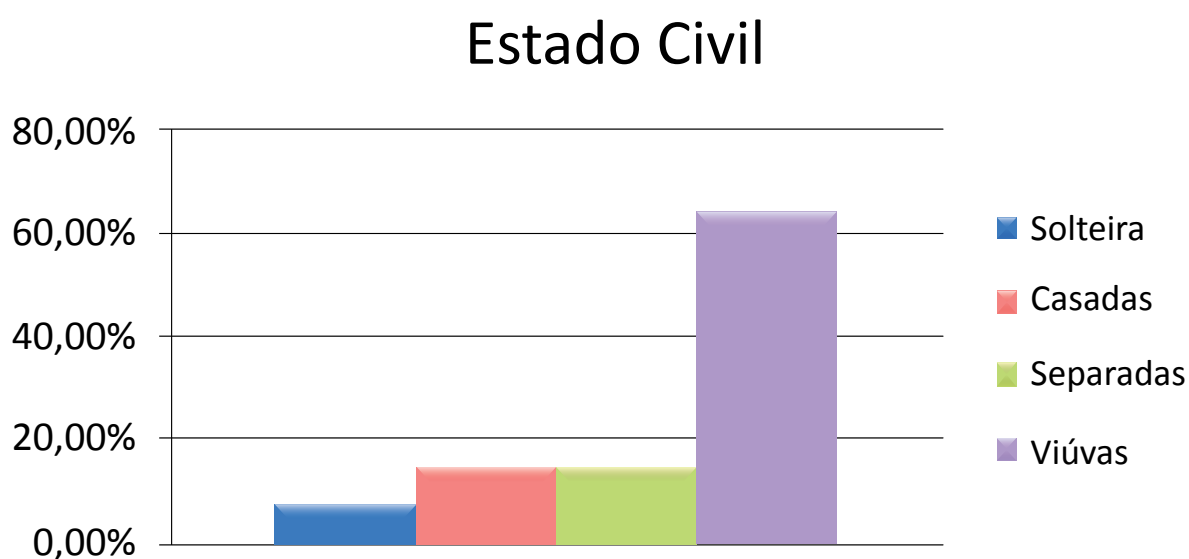
Gráfico 2 - Naturalidade das benzedeadas.



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Em relação ao estado civil (Gráfico 3), registrei um número significativo de viúvas, sendo mais da metade das informantes. Além disso, grande parte delas são viúvas há mais de 20 (vinte) anos, algumas na faixa dos oitenta anos, e aproximadamente quarenta anos de viuvez. Considero esse dado representativo para refletir sobre a dedicação ao ofício da benzeção, já que algumas benzedeadas informaram que passaram a se dedicar a este ofício mais especificamente depois de terem ficado viúvas.

Gráfico 3 - Estado civil das benzedeadas.



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Em relação a sua religião, 11 benzedeadas se declararam católicas, duas espíritas e uma evangélica. Não obstante, dentre as católicas, algumas informaram que também haviam frequentado e ainda visitam centros de mesa branca, terreiros de umbanda e centros espíritas. Uma delas relatou que foi uma das fundadoras da igreja Seicho-No-Ie no Distrito de Icoaraci, ainda na década de 1970. Apenas duas senhoras foram categóricas em se declarar espíritas. E uma que se declarou evangélica revelou que antes da sua conversão à congregação da Assembleia de Deus, cerca de quinze anos atrás, foi mãe de santo e dona de terreiro e que, portanto, não benzia mais, apenas orava.

Em relação ao tempo de exercício da prática de benzeção, cinco delas relataram ter iniciado desde criança, a partir da idade de sete anos. Outras duas revelaram a prática ainda na adolescência. Seis delas iniciaram depois de adultas, e uma não soube responder. Indagadas sobre como aprenderam a benzer, todas informaram ter aprendido sozinhas, embora durante as conversas fossem revelando que havia algum parente na família, como tio, mãe e avô que realizaram a prática de cura. Outras contaram ter aprendido com uma vizinha ou um amigo que benziavam.

Em relação às doenças que levam à benzeção, sem exceção, todas relataram que as são as doenças conhecidas popularmente como: *quebranto*, *vento caído*, *mal olhado*, *erisipela*, *espinhela-caída*, *torção e puxação*<sup>6</sup>.

## 2. Trajetórias de vida e trajetória religiosas: benzedeadas no espaço doméstico

### 2.1. Dona Nazaré, dona Expedita e dona Gracinha<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Essas *doenças* são citadas conforme registrei nas referências sobre o tema e na literatura sobre o assunto (OLIVEIRA, 1985; MAYNARD, 1956; MAUÉS, 1999).

<sup>7</sup> Esclareço que todas as informantes citadas nesse artigo ganharam nomes fictícios com a finalidade de preservar suas identidades, respeitando a dimensão ética da pesquisa científica.

<sup>8</sup> Uma categoria social que versa sobre uma prática secular e diversificada, recorrente e dinâmica nas camadas de baixa renda, sendo parte de um sistema de circulação de crianças que tem como principal característica o envio de criança e também adolescente do interior do estado para a capital, para trabalhar principalmente nas casas de famílias, seja de classe média e alta (MOTTA-MAUÉS, 2008).

Dona Nazaré e Dona Expedita são benzedeadas católicas, moradoras do bairro do Telégrafo, e ambas nasceram em Belém. Dona Nazaré é viúva, com 85 anos e teve cinco filhos. É filha de imigrantes nordestinos originários do estado do Ceará. Dona Expedita, *jurunense de nasença*, de 75 anos de idade, negra, solteira e sem filhos. Dentre as suas *responsabilidades* Dona Expedita era dirigente das peregrinações da rua onde morava, tinha orgulho em falar que coordenava a peregrinação de Nossa Senhora de Nazaré. Devota de Santo Expedito, sempre oferecia uma novena no dia do santo. Como católica devota e praticante, toda terça-feira comparece à novena de Nossa Senhora Perpétuo Socorro.

Dona Gracinha, de 81 anos, era moradora do Distrito de Icoaraci, localizado na Região Metropolitana de Belém. Viúva há mais de quarenta anos, teve 10 filhos, 11 netos e quatro bisnetos. Desde cedo se conheceu como “cria de família”<sup>8</sup> na cidade de Belém. É natural de um lugarejo chamado Mucajubinha, no município de Colares, localizado na região nordeste do estado do Pará, e veio para capital do Pará com sete anos de idade.

### 2.2. Trajetórias femininas

Essas três personagens são mulheres e benzedeadas, de religião católica, que acompanhei durante a pesquisa, realizando a prática da benzeção e exercendo o ofício na cidade de Belém. São



mulheres contemporâneas, mães, viúvas, donas de casa, solteiras, beatas, evangelizadoras e avós.

Elas identificam a sua condição feminina desde a tenra idade, e as vozes que as orientam e as disciplinam são os modelos de mães que constroem de modo idealizado. Ao revelar as suas percepções sobre si mesmas, exaltam como modelo de mãe a ser seguido as suas próprias progenitoras, que são sempre descritas como: senhoras atentas aos seus filhos, detentoras de amor e de lastro de sacrifícios para os criarem. As dificuldades e esse comportamento altruísta são algumas qualidades que reverberam e acentuam no núcleo familiar, que tem nas mães um modelo a ser avaliado e espelhado de si mesma. É com ela que dividem as dificuldades da pobreza, os cuidados, e a situação de serem todas mulheres.

Pobres e negras são as características evidenciadas ao falarem sobre si mesmas, e dão o realce aos espaços sociais que ocuparam durante a sua trajetória de vida, o que revela as complexidades das relações sociais em que estão inseridas: no seu grupo familiar, no modo de produção e em um sistema econômico, fazendo referência à sua condição feminina, ao espaço que ocupavam dentro de uma estrutura social, como mulheres, mães, religiosas e *trabalhadeiras*. Percebi em seus relatos esta divisão de funções quando falavam sobre si mesmas inseridas na cidade: donas de casa, crias de família, operárias, domésticas e ajudantes dos afazeres domésticos foram os lugares ocupados por essas três mulheres antes de se dedicarem ao ofício da benzeção.

Não obstante, elas só puderam se dedicar inteiramente à benzeção como uma prática de cura após enviuvarem, como foi o caso de Dona Gracinha e Dona Nazaré, ou depois de uma determinada idade, como ocorreu com Dona Expedita, que começou a benzer com mais de 60 anos.

As casadas, embora já manifestassem o *dom* de curar, lembram que as suas prerrogativas de mulher casada, mãe de família e dona de casa as restringiam ao espaço doméstico da casa, e sob as rédeas do esposo. Tendo o dom de curar, elas sofriam sanções dos maridos para que não o exercessem. Assim, diante do poder do marido, acabaram por adiar qualquer pretensão de desenvolver o seu dom ou seguir a sua missão. De qualquer modo, tanto Dona Nazaré como Dona Gracinha evidenciavam algumas formas de burlar essa condição. Desculpas como visitar um parente ou socorrer um vizinho enfermo eram usadas para justificar a sua ausência do ambiente familiar e do controle do cônjuge. Contudo, ambas enfatizam a liberdade de desenvolver a sua missão de curar apenas quando ficaram viúvas.

### 2.3. Trajetórias religiosas

Dona Expedita relata que o seu aprendizado e o seu conhecimento para benzer foi adquirido desde o seu grupo familiar, na convivência com os parentes, como a sua mãe, que também era benzedeira apenas na esfera doméstica, e aprendeu as rezas com uma vizinha católica, muito religiosa, que era idosa e doente, e lhe repassou a *responsabilidade* da benzeção. Relata também sobre a sua experiência no espiritismo, como uma forma de compreender a sua missão no ato de curar e como contribuição para sua “formação” em relação ao seu ofício.

Dona Nazaré e Dona Gracinha atribuem o dom de curar a uma herança familiar da prática da benzeção. Relatam que parentes como tios, avós tinham o poder da cura. Contudo, evidenciam as suas experiências religiosas como forma de aprendizado da benzeção. Dona Nazaré, além de católica, definiu-se como umbandista, e lembra que foram dezessete anos dedicados aos “terreiros” e mesas brancas. Dona Gracinha também relata suas experiências religiosas entre alguns terreiros de umbanda, mas lembra que foi na Seicho-No-Ie que aprendeu algumas orações que usa em suas curas, como oração da paz, oração do perdão e outras. Descrevem também que grande parte dos

seus conhecimentos foi forjado no dia a dia. Atentas observadoras do cotidiano, seus olhares vão se tornando sensíveis às práticas do *saber-fazer*, sobre a diversidade de remédios que compõem os seus saberes, além dos procedimentos em relação aos cuidados prestados aos doentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva de análise deste trabalho, pude perceber que nas histórias de vida dessas mulheres benzedoras com relação às suas trajetórias para exercê-la como prática, mesmo sendo o espaço doméstico tomado como “natural”, elas enfrentavam a resistência dos seus companheiros, justamente por que extrapolavam o “espaço social” determinado como um espaço demarcado pelas atribuições relacionadas aos papéis sociais que o definem como espaço da mulher, aportadas nas imagens de feminilidade. Esta ordem analítica apontava que as mulheres benzedoras, ao exercerem a prática da benzeção, além deterem a sua representatividade feminina na prática, revelam que esta também trazia uma discussão sobre a relação de gênero.

A prática da benzeção é uma das atividades a que se dedicaram ao longo da sua trajetória de vida, mas não foi a principal delas. Antes disso, viram-se diante da condição social cujo papel da mulher é de dedicara sua vida à família, como esposa, dona de casa e de mãe. É interessante destacar esse aspecto, pois ao adentrar nesse espaço da benzeção a partir das mulheres benzedoras, também nos deparamos com essa identidade primeira que é a condição de mulher, e percebida entre rezas e curas. Vale ressaltar a sua etnia e também a sua posição socioeconômica percorrendo uma estrutura social de classes, a sua condição concreta de sobrevivência em relação ao seu gênero. Nesse contexto, essas mulheres benzedoras, reconhecidas socialmente como especialistas nos seus ofícios, foram se forjando desde a tenra idade nos papéis sociais que vêm ocupando perante a sociedade.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Medicina rústica*. Brasília 300. São Paulo: Nacional, 1979.

BORGES, Rosane Ribeiro. *Uma análise no feminino, artes e ofícios de cura: benzedoras e parteiras de Ituitaba*. 1950/2006. UFUB, 2007. Disponível em: [http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/1362/1/AnaliseFemininoArtes\\_parte%201.pdf](http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/1362/1/AnaliseFemininoArtes_parte%201.pdf). Acesso em: 24 jun. 2013.

COSTA, Iracema Silva. *Mulheres benzedoras em Belém (PA): relações e gênero e trajetória religiosa*. 2014. 200f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Estadual do Pará, Belém, 2012.

DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. São Paulo: EdUNESP, 2009.

\_\_\_\_\_. *Magia e Medicina na Colônia: o corpo feminino*. In: In: PRIORE, Mary Del; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). *História das Mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FIGUEIREDO, Arthur Napoleão. *Rezadores, Pajés e Puçangas*. Belém: UFPA; Boitempo, 1979.

\_\_\_\_\_. *Os Bichos que curam: os animais e a medicina “folk” em Belém do Pará*. *Boletim do Museu*

*Paraense Emilio Goeldi*, Série Antropologia, Belém, 1994.

FONSECA, Cláudia. *Ser mulher, mãe e pobre* In: PRIORE, Mary Del; PINSKY, Carla Bssanegi (Orgs.). *História das Mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LEMONS Carolina Teles. O perfil da benzedeira: aliança entre chá, “provas” e partos no cotidiano da vida camponesa. In: AUGUSTO, Adailton Maciel (Org.). *Ainda o sagrado selvagem*. São Paulo: Paulinas, 2010.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole* In: MAGNANI, Jose Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (Org.). *Na Metrópole*. Textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP. 1996.

\_\_\_\_\_. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2007.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *A Ilha Encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores*. Belém: UFPA, 1990. (Coleção Igarapés).

MOURA, Elen Cristina Dias de. *Entre ramos e rezas: o ritual de Benzeção em São Luiz do Paranatinga, de 1958 a 2008*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

MOTA-MAUÉS, Maria Angélica. *Uma vez “Cria” sempre “Cria” (?)*: adoção, gênero e geração na Amazônia. In: LEITÃO, Wilma Marques; MAUÉS, Raymundo Heraldo (Org.). *Nortes Antropológicos: trajetos, trajetórias*. Belém: EDUEPA, 2008.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é Benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção do Folclore Brasileiro).

SAFFIOTI, I. B. Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Recife: S.O.S. Corpo, 1996.

SILVA, Iracema. *A Benzeção em Belém: nota prévia sobre uma prática de cura na metrópole*. 2002 (Trabalho de Conclusão de Curso) Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

SOUZA, Laura de Mello. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

